

NOVA PROPOSTA PARA O ENSINO DO PORTUGUÊS NO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Blasio H. Hickmann
UFRGS

1 — INTRODUÇÃO

Excluído o curso de Letras, o ensino do Português, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul como, de resto, em numerosos cursos superiores do Brasil, restringe-se, por assim dizer, a noções de Redação Técnica. Poderia parecer que o estudante universitário já domina perfeitamente a Língua Portuguesa, especialmente no que se refere à redação literária. Na prática, porém, constata-se que o universitário, muitas vezes, sequer sabe redigir um requerimento ou ofício, por mais simples que seja seu conteúdo. Na verdade, não sabe comunicar-se por escrito, pois nunca aprendeu a codificar seus pensamentos na forma gráfica. No mais das vezes, não sabe transpor para o papel uma idéia clara, um único período. Não o aprendeu no curso secundário. Provam-no sobejamente os vestibulares dos últimos anos, onde se reintroduziu a prova de "redação". Ora, não lhe ensinando a Universidade nada mais que normas de redação técnica, dificilmente aprenderá a se expressar clara e corretamente através delas. Sairá da Faculdade, como entrou, sem saber escrever, ou seja, sem poder se comunicar por escrito.

Se isto é terrível em qualquer setor de atividade profissional, será, certamente, desastroso na de comunicador social. O jornalista que não sabe escrever, narrar, contar, transmitir idéias é como cego, conduzindo outro cego; é como um guia mudo. É comunicador que nada sabe comunicar ou — o que pode ser pior — que comunica mal; desinforma; desorienta; confunde.

2 — REDAÇÃO JORNALÍSTICA

A comunicação social consiste, sem dúvida, numa redação técnica específica — a redação jornalística — considerada por Alceu Amoroso Lima⁽¹⁾ como gênero literário próprio. Importa, pois, ensinar ao estudante de Comunicação a redigir de forma clara, simples e correta uma informação de atualidade. Deve aprender a descrever as ocorrências do dia-a-dia, narrar acontecimentos, expressar seus pontos de vista ao analisar ou interpretar os fatos.

Ora, isto não se aprende com o simples manejo de normas para redação de monografias e relatos científicos, nem com o mero domínio de questões gramaticais. Aprende-se a redigir notícias, lendo bons noticiários e, sobretudo, praticando a redação jornalística.

O domínio do vernáculo bem como o conhecimento das regras de gramática são pressupostos óbvios. Sem adequado vocabulário, sem domínio do vernáculo ou do manejo das normas lingüísticas é praticamente inconcebível aprender a fazer jornalismo, isto é, comunicação de massa. O estilo jornalístico, seu conhecimento e manejo devem ser, parece-nos, os objetivos primordiais da disciplina de Redação Jornalística, do ensino da Língua Portuguesa a futuros profissionais da Comunicação Social.

3 — DIDÁTICA DO PORTUGUÊS

“A contribuição do professor no ensino superior ainda é importante no aspecto da atualização de conhecimentos dos professores antigos, os quais, por carência de informação e assoberbados por tarefas diárias absorventes, foram forçados a manter-se alheios ao surto de progresso em matéria de investigação lingüística ou pedagógica”, dizia o Professor Antônio Dias Miguel⁽²⁾ já em 1970. E acrescentava: “Todo o ensino tem de ser eminentemente prático e ativo (...)”⁽³⁾

O ensino da língua pátria, entretanto, seja qual for o nível de escolaridade, não pode ser debitado exclusivamente ao professor de Português. Em qualquer disciplina, o aluno deve expressar-se em português, seja para referir um fato histórico, seja para expressar um teorema de Pitágoras. O controle e vigilância da correção da linguagem deveria ser atividade integrada de todos os professores da Escola, especialmente hoje, quando, em Pedagogia, tanto se prega a atividade integradora da função docente.

No que concerne à disciplina, em particular, o ensino eficiente do Português, depende, em primeiro lugar — tirando a questão do preparo pedagógico do mestre — da elaboração de programas adequados. Isto significa não apenas um rol de conteúdos programáticos, mas a fixação de objetivos claros e emprego adequado da tecnologia educacional.

4 — RESISTÊNCIA AS MUDANÇAS

Tratando-se de tecnologia educacional, parece-nos que estamos frente a um problema de automação. Na verdade, porém, Tecnologia Educacional não é sinônimo de equipamento, nem de computador, nem de máquinas de ensinar; de retroprojeter de diapositivo, etc. Tecnologia do Ensino é muito mais uma maneira de pensar, de encarar de forma científica os problemas educacionais, o que, certamente, é bem mais difícil do que conseguir aqueles multimeios.

Revelam as pesquisas que o professor — ao contrário do que sucede em outras áreas de atividade — é um profissional resistente às mudanças. Não apenas o professor. Há pesquisas que localizam a causa de resistência nos procedimentos administrativos. Para que o professor mude, é preciso, em primeiro lugar, que se lhe permita inovar, utilizar multimeios e sistemas novos de ensino. O problema, pois, é complexo, com implicações até mesmo na própria estrutura em que o ensino se desenvolve, o que, conseqüentemente, tem enorme influência na dinâmica do processo ensino/aprendizagem. Normalmente a resistência é tanto organizacional como individual. Qualquer plano de melhoria do ensino deve, pois, incidir sobre ambos.

Em **Tecnologia e educação**, Lourenço E. Saldanha⁽⁴⁾ afirma: “O estudo do papel do professor é provavelmente, no campo da pesquisa educacional, um dos mais complexos. Muitas são as variáveis que interferem no desempenho do papel docente. Por um lado, é a dependência de uma teoria sólida, baseada principalmente na Filosofia da Educação e na ciência da aprendizagem, e por outro, é a personalidade do professor, a personalidade do aluno, o contexto sócio-econômico e cultural em que se dá o processo ensino-aprendizagem. Provavelmente devido a essa multiplicidade de variáveis, os estudos realizados procuram dar maior relevo a uma das dimensões do problema em estudo. Assim, é comum encontrarmos em algumas pesquisas uma ênfase mais acentuada nos aspectos cognitivos, ou nos aspectos afetivos, ou nos aspectos personalológicos, ou ainda nos problemas de interação.”

5 — PARTICIPAÇÃO DO ALUNO

É preciso que se diga que muita coisa já foi feita em matéria de tecnologia educacional nos últimos anos. Verifica-se, por exemplo, a tendência de transformar a condição do professor de divulgador de informações, em orientador de classe, tutelando a aprendizagem, e servindo de consultor e diagnosticador. Por outro lado, passou-se a empregar uma gama de meios (chamados audiovisuais), tais como filmes, TV (circuito interno ou VT, discos, audiotapes, etc.), ao invés de se restringir a atividade didática ao ultrapassado trinômio professor/manual/giz.

Tais procedimentos conduziram, inevitavelmente, a uma ênfase maior na capacidade de pensamento reflexivo, o que significa maior participação do aluno. Pode-se observar, por conseguinte, que o aluno é conduzido à descoberta, através da pesquisa e do experimento.

Em vista disto, projetamos um plano de ensino para aprendizagem do português e das técnicas de redação no curso de Comunicação Social, através do programa de atividades e métodos que, a seguir, passaremos a expor.

6 — APRENDER FAZENDO

Visando a tornar a aprendizagem ativa, colocamos a atividade redacional do aluno em primeiro plano. O estudante de jornalismo, ao invés de aprender teoricamente como "deve" redigir notícias e ao invés de mentalizar qualidades do estilo jornalístico, é convidado, desde logo, a redigir, ele próprio, os fatos destinados à divulgação.

A princípio proceder-se-á à elaboração de notas simples. Oferecendo-se a indicação dos elementos das ocorrências e suas circunstâncias, pede-se que cada aluno redija a notícia. Na leitura atenta de uma por uma das notas elaboradas em classe, com prazo limitado, anotam-se as qualidades e defeitos estilísticos, destacando-se aquelas próprias do estilo jornalístico, as quais, na medida em que se repetem, vão sendo enfatizadas. Por outro lado, os defeitos estilísticos vão sendo, da mesma forma, apontados e enfatizados. Na medida em que a prática se repete, exige-se que as características próprias do estilo da comunicação de massa venham se tornando mais e mais constantes, ao mesmo tempo em que vão sendo eliminadas as deficiências.

Tudo isso, porém, deve ser atividade consciente do estudante, com vistas a desenvolver em si próprio a autocrítica, capaz de permitir-lhe, na releitura, identificar seus próprios defeitos e a eliminá-los gradativamente. Não importa que isto demore um pouco. É preciso paciência e tempo. Mas é fatal que isto ocorra. A menos que o estudante não tenha as mínimas condições de tornar-se um técnico em comunicação social.

Se de início a atitude de corrigir e orientar cabe ao professor, na medida em que o tempo passa os colegas são convidados a se orientarem reciprocamente entre si, simulando serem uns editores dos outros ou praticando a "copidescagem" dos trabalhos.

Gradativamente a atividade vai se tornando mais complexa, levando o aluno a redigir notas mais extensas, notícias de fatos mais complicados, até a entrevista e reportagem, para chegar ao comentário e, até mesmo, ao editorial. Tendo cada tipo de informação características de estilo próprias, o aluno é levado a acompanhar tais variações, apresentando textos sempre compatíveis com o tipo de conteúdo e tratamento desejados.

Ao mesmo tempo em que o aluno aprende o estilo jornalístico, vão sendo notadas e comentadas todas as defecções ou virtudes particulares dos textos quanto aos diferentes aspectos gramaticais: morfologia, ortografia, sintaxe, regência, concordância, etc. Igualmente o léxico pode ser convenientemente estudado, ampliado e adequado, através desse procedimento.

Tal experiência no processo ensino-aprendizagem, saindo dos padrões tradicionais do ensino, e na medida em que inova técnicas e atitudes, é forçosamente uma mudança que, para ser bem sucedida, precisa contar, além da disposição, esforço e dedicação do professor, com apoio técnico e administrativo do Departamento do curso de Comunicação Social. Pressupõe-se que existam, à disposição dos alunos, máquinas de escrever, papéis e material de redação, bem como jornais e boas revistas para serem compulsadas constantemente. Salas e mesas apropriadas fazem o clima ambiental para o trabalho. A motivação, parece, será espontânea, na medida em que o aluno gosta de inovações e experimentos, aptos a conduzi-lo à descoberta de sua capacidade criativa. Tal método de trabalho conduziria facilmente à auto-avaliação e à integração profissional no grupo.

7 — EXPRESSÃO ORAL

Considerando que a manifestação jornalística não se restringe ao relato escrito, e tendo em vista o preparo profissional para o rádio e o telejornalismo, o ensino do Português no curso de comunicação social não poderá limitar-se ao processo gráfico. Deverá ser cultivada a oralidade, com vistas à reportagem e comentário radiofônico e televisado, bem como a outras formas de comunicação oral. "Os professores têm por missão essencial preparar os jovens para virem a saber utilizar os meios de grande informação (...)"⁽⁵⁾

Se isto é verdade em tese, é particularmente verdadeiro no caso do jovem estudante de Comunicação Social.

Em conseqüência, o programa deverá prever a manifestação oral do aluno, comentando fatos, entrevistando pessoas e reportando acontecimentos em linguagem acessível ao grande público, sem olvidar correção, objetividade e clareza, qualidades próprias do estilo jornalístico. Para tanto deverão estar ao alcance da classe microfones, gravadores, programa de rádio ao vivo ou gravado, sistemas de circuito fechado de TV.

8 — CONDIÇÕES DE APRENDIZAGEM

"O processo de aprendizagem consta de várias fases distintas e seu propósito é o estabelecimento de estados ou capacidades internas. (...) O processo de aprendizagem deve ser apoiado por eventos que ocorram, tanto na parte interna quanto externa do aprendiz. O apoio aos resultados da aprendizagem pode ser conceptualizado de uma maneira geral, devendo intensificar a motivação, controlar a atenção, prover os meios de codificação e recuperação, promover retenção e transferência, e fornecer **feed-back** (conhecimentos dos resultados) para completar o ato de aprendizagem."⁽⁶⁾

9 — CONCLUSÕES

Resta efetuar o experimento. Não temos dúvida de que o método tem condições de levar a resultados surpreendentes. Basta que seja praticado nas condições estipuladas. Particularmente, deverá contar com o apoio estratégico: técnico e administrativo. O preparo pedagógico do professor é pressuposto básico. Sendo incompetente, o corpo docente é incapaz de fazer produzir bons resultados ao mais espetacular método de ensino que se possa conceber.

O esforço do professor também tem importância capital. Deverá existir o acompanhamento constante e, na medida do possível, individualizado do corpo discente. As dificuldades, obviamente, não são idênticas nos diferentes estudantes. Conseqüentemente, precisam ser atendidas caso a caso. Haverá, é certo, colocações em comum de normas técnicas de redação, de procedimentos a serem adotados nos tipos de redação jornalística. Mas os problemas de aprendizagem são sempre individuais, assim devendo ser tratados, com vistas ao melhor rendimento do método proposto.

Temos certeza de que estamos oferecendo uma contribuição válida. Queremos levá-la a experimento, e gostaríamos que nos fossem comunicados os resultados das eventuais experiências neste sentido.

10 — REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 — LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. Rio de Janeiro, Agir, 1960. (Coleção Ensaio, 8)
- 2 — DIAS MIGUEL, Antônio. Algumas Reflexões Sobre a Pedagogia do Português. **Boletim do gabinete português de leitura**, Porto Alegre, 7 (21): 17, 1971.
- 3 — Id. *Ibid.* p. 18.
- 4 — SALDANHA, Louremi Ercolani. **Tecnologia educacional** Porto Alegre, Globo, 1978, p. 17.
- 5 — ALVES, Ema Quintas. Sobre o Ensino da Língua Pátria. **Boletim do gabinete português de leitura**. Porto Alegre, 7 (21): 31, 1971.

A propósito transcrevemos a preocupação manifestada por Antônio Dias Miguel, no artigo acima citado: "... não podemos, contudo, deixar de nos referir à responsabilidade que pesa sobre aqueles que, através do rádio ou da televisão, constatarem com milhares e milhares de indivíduos pela palavra, que deveria ser um exemplo ou um modelo de correção e elegância expressiva e que nem sempre atinge esse nível, com manifesto prejuízo para quem ouve". (op. cit. p. 20).

- 6 — GAGNÉ, Robert M. **Princípios essenciais da aprendizagem para o ensino**. Porto Alegre, Globo, 1980. p. 67.